



Gil Macieira

Falecimento de Buarque de Holanda

SÃO PAULO — Sérgio Buarque de Holanda, um dos mais importantes historiadores do Brasil, pai do compositor e cantor Chico Buarque de Holanda, morreu ontem, aos 80 anos de idade, de pneumonia.

Ele era paulistano; nasceu no bairro da Liberdade em 11 de julho de 1902. Faria, portanto, 80 anos. Mas o sobrenome revelava as antigas origens. O pai era pernambucano, assim como todos os demais ancestrais: Christovam Buarque de Holanda Cavalcanti. Teve, na infância, uma vida bastante tranqüila. E como dizia seu amigo, Sérgio Milliet, ambos faziam parte de uma espécie de "jeunesse dorée da então provinciana São Paulo. "E como não nos faltasse tempo, liamos muito, liamos tudo, ele em particular que nos trazia as notícias mais recentes da vida intelectual e artística do ultramar. Por ele soubemos de alguns franceses ilustres mas; principalmente, das evoluções que se processavam nas letras inglesas e alemãs", escreveu o amigo em 1964, lembrando aqueles velhos tempos onde a seriedade não era o forte de Sérgio Buarque de Holanda.

Com sua curiosidade e disposição — além da postura alta (1,78 m) mas esquisita que compunha perfeitamente com a falta de seriedade com que encarava o que fazia — esse era exatamente o momento em que na acanhada São Paulo surgiam os modernistas e sua "Semana de Arte" não poderia ser de outra forma e ele se torna um dos mais jovens participantes, embora já estivesse morando no Rio de Janeiro. Afinal, já era bastante conhecido na cidade. Havia passado pelos principais colégios — o "Caetano de Campos", escola pública modelo de São Paulo, o Colégio de São Bento e o Diocesano, os mais importantes entre os particulares.

Crítico

Foi nos tempos de colégio que estreava como crítico literário, com apenas 17 anos, no Correio Paulistano, levado por Afonso Taunay que já ouvira falar de sua capacidade. No entanto, foi através de Guilherme de Almeida que se colocou em contato com a revolução estética que surgia na capital paulista. Quando os modernistas fundam sua revista, Klaxon, Mário Osvaldo de Andrade nomeia como seu representantes no Rio. Na então capital brasileira, freqüentando os saraus literários da hoje Livraria Freitas Bastos, conhece Prudente de Moraes, Netto (Pedro Dantas) e começa a redigir com ele nova revista: "Estética". Nesta, colaboram Ronald de Carvalho e Graça Aranha. O espírito inquieto, que revelava o pesquisador e crítico, se aguçava cada vez mais.

Foi nessa época que se formou em Direito pela então Universidade do Brasil, tendo como colegas de turma Prado Kelly e Vasco Leitão da Cunha. Mas a mente já se encaminhava para o estudo da História Brasileira, suas instituições. Mesmo o curto período em Cachoeiro de Itapemirim, no Espírito Santo, não conseguiu fazê-lo se afastar da pesquisa. Foi para aquela cidade como promotor público, função que poderia esperar após a formatura em Direito.

Mas, irrequieto, Sérgio não ficou muito tempo na pacata Cachoeiro, mesmo tendo fundado um jornal local. Em 1929 embarca para a Alemanha onde ficou dois anos como correspondente das publicações modernistas, de "O Jornal", do Rio e traduzindo para o português os textos da revista comercial "Duco" dedicada ao comércio entre os países. Tudo isto além de freqüentar vários cursos de extensão universitária. Anos depois reconheceria que essa foi uma fase muito difícil em sua vida.

"Correio Popular" 25-IV-1982

Aliava a pesquisa ao gosto literário

RIO — "Estou muito sentido, perdi um grande amigo", disse, chocado ao saber da morte de Sérgio Buarque de Holanda, o jurista e historiador e ex-presidente da Ordem dos Advogados do Brasil, Raimundo Faoro, que o considerava "o maior historiador brasileiro nos últimos tempos, um grande escritor, que tinha magia para escrever a história, aliando a pesquisa ao gosto literário".

Raimundo Faoro — que sempre jantava com o historiador quando este vinha ao Rio — lembrou que ele era pessoa admirável sob todos os pontos de vista. Como mestre ajudava a todos, com subsídios e na crítica era amável. "todas as gerações lhe são contemporâneas. Deixou uma obra importantíssima, em pouco dispersa, que deveria

ser levantada, reunida e editada" sugeriu Faoro.

Procurado pela imprensa o professor, ex-ministro e ex-senador Afonso Arinos de Melo Franco, já sabia da morte de Sérgio Buarque de Holanda, que era casado com "minha prima-irmã". "Estou muito triste. Pode e deve ser considerado uma das mais altas expressões do humanismo cultural de toda a vida brasileira".

Para Afonso Arinos, o último livro do historiador "Tentativas de Mitologia" foi autobiográfico, pois Buarque de Holanda escreveu inclusive o prefácio. Lembra Melo Franco que perdeu-se um historiador que fazia crítica, filosofia-crítica política e foi o coordenador da história geral das civilizações e escritor de "Raízes do Brasil".

cmp 2.2.3.530